

A morte de José Mindlin

Angelo Mendes Corrêa

A morte de José Mindlin, em 28 de fevereiro último, deixa em nosso país um vazio que dificilmente será preenchido. Sua magnitude como empresário e intelectual e a admirável preocupação com as questões nacionais que norteou sua longa existência, sempre pautada por um raro posicionamento ético que deveria servir de exemplo a nossa classe empresarial e política, tornaram-no verdadeira unanimidade nacional.

Nascido em São Paulo, em 1914, aos 16 anos já era redator de *O Estado de S. Paulo*. Aos 22, formado em Direito pela Universidade de São Paulo, passa a advogar, até fundar, em 1950, uma empresa pioneira no campo da metalurgia no Brasil, a Metal Leve.

Nos duros anos da ditadura militar assumiu, a conselho de seu dileto e querido amigo Antonio Candido, a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. No entanto, o trágico e nefasto assassinato do jornalista Wladimir Herzog nos calabouços do então Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) levou-o a deixar o cargo.

Membro das Academias Brasileira e Paulista de Letras, presidente da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, Aliança Francesa, Fundação Vitae, Fundação Crespi Prado e do Conselho Editorial da EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo), era também

conselheiro dos museus de Arte Moderna de Nova York, São Paulo e Rio de Janeiro, Arte Sacra (SP) e Lasar Segall (SP).

Intelectual do Ano de 1998, recebeu da UBE (União Brasileira de Escritores) o *Prêmio Juca Pato*. Sua bibliografia inclui os títulos *Uma vida entre livros*; *No mundo dos livros*; *Memórias esparsas de uma biblioteca*; *Cartas da biblioteca Gita e José Mindlin*; *Destaques da biblioteca indisciplinada* e *Reinações do menino Mindlin*, além da participação em mais de uma dezena obras, na condição de coautor.

Como editor trouxe a lume as reedições de *A Revista*; *Revista de Antropofagia*; *Verde*; *Rasm*; *Philomática*; *Homenagem a Manuel Bandeira*; da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado*; *A gravura de Lasar Segall*; *O desenho de Lasar Segall*, dentre outras de vasta relevância na constituição de nossa história literária.

Amigo de escritores da estatura de Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Pedro Nava, Paulo Duarte, Guilhermino César e Rubens Borba de Moraes, teve com muitos deles intensa correspondência.

Sua imensa biblioteca, o mais importante acervo privado do país, com aproximadamente 40 mil títulos, formada desde quando tinha 13 anos,



José Mindlin

teve o núcleo a que denominou brasileira, com cerca de 15 mil obras, doado em 2006 à Universidade de São Paulo. Nesse núcleo estão, por exemplo, os manuscritos de *Grande sertão veredas*, de Guimarães Rosa e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

Costumava dizer que “o livro exerce uma atração

multiforme, que vai muito além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental” e que “num mundo em que o livro deixasse de existir, não gostaria de viver”.

Angelo Mendes Corrêa é professor universitário e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo USP.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br



Projeto de Lei concede isenção de ISS para atividades artísticas

O Projeto de Lei nº 721/09, aprovado pela Câmara dos Vereadores de São Paulo, no dia 24 de fevereiro de 2010, que concede isenção de Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS) a atividades artísticas relacionadas à apresentação de espetáculos, foi sancionado pelo Prefeito Gilberto Kassab no dia 19 de março de 2010.

Conforme o Artigo 1º: “Ficam isentos do pagamento de Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza – ISS, a partir de 1 de janeiro de 2010, os serviços relacionados a espetáculos teatrais, de dança, balés, óperas, concertos de música erudita e recitais de música, shows de artistas brasileiros, espetáculos circenses nacionais, bailes, desfiles, inclusive de trios elétricos, de blocos carnavalescos ou folclóricos, e exibição cinematográfica realizada por cinemas que funcionem em imóveis cujo acesso direto seja por logradouro público ou em espaços semipúblicos de circulação em galerias, constantes dos subitens 12.01, 12.02, 12.03, 12.07 e 12.15 da lista do “caput” do artigo 1º da Lei nº 13.701, de 24 de dezembro de 2003, observadas as condições estabelecidas nesta Lei.”

Segundo o Parágrafo 5º, “A isenção referida no “caput” não abrange espetáculos artísticos de qualquer natureza quando realizados em boates, danceterias, casas noturnas, bares, clubes ou em outros estabelecimentos de diversão pública, com cobrança de “couvert” artístico ou ingresso, mensalidade ou anuidade, com ou sem restrição formal de acesso ao público.

Temos que parabenizar e comemorar a aprovação do Projeto de Lei, entretanto deixamos nosso protesto e o pedido para que seja criada uma Lei que isente as entidades, academias e associações culturais e literárias do pagamento de Imposto de Serviços de Qualquer Natureza.

Atualmente a Lei de Isenção e Imunidade do ISS só beneficia os serviços prestados por associações culturais e as desportivas, sem venda de “poules” ou talões de apostas (Lei 6.989/1966, artigo 61, com a redação da Lei 7.410/1969), e os prestados por partidos políticos, inclusive suas fundações, entidades sindicais dos trabalhadores, instituições de educação e de assistência social, sem fins lucrativos, atendidos os requisitos da Lei, conforme o Artigo 150, VI, c, da Constituição Federal.

A Literatura e os jornais culturais possuem apenas um benefício. Conforme o Artigo 150, VI, d, da Constituição Federal, Livros, jornais, periódicos e o papel destinado a sua impressão são isentos de impostos.

Será que as entidades, associações e academias têm que promover jogos sem venda de “poules” ou talões de apostas para, também, ficarem isentas de impostos? Ou, então, como cantou o saudoso Orlando Silva: “Nada além, Nada além de uma ilusão.”

No coração das trevas

Rodolfo Konder

Sou obrigado a dormir na cabine de um dos três barcos que nos trouxeram até o Ariaú Tower, num braço do Rio Negro, porque os quartos do hotel estão todos ocupados. Vieram até aqui o ministro Antonio Houaiss, alguns assessores e os secretários de Cultura de vários Estados. Embora eu seja secretário municipal (de São Paulo), fui convidado a participar do encontro, que começou em Manaus e vai terminar no coração das trevas, numa região escondida da floresta amazônica, entre jacarés, macacos, piranhas e araras.

Depois de três horas de viagem rio acima, a quilha cortando a água do Rio Negro, que mais parece Coca-Cola, o barco atraca do “píer” de madeira. O Ariaú possui cinco torres, em cima das árvores, unidas por pequenas pontes de madeira, entre vegetação fechada. Os visitantes percorrem o hotel, jantam com frugalidade e vão dormir, porque estão exaustos.

De manhã, batem à porta da minha cabine. Acordo, sento à beira da cama, ouço centenas de pássaros cantando lá fora, na floresta. Então, batem de novo. Abro a porta com alguma cautela e me deparo com um imenso macaco acizentado. Ele esta de pé e me olha com curiosidade. Estende a mão cabeluda - e eu fecho rapidamente a porta. Terei chegado ao futuro? Sinto-me como o Charlton Heston, ou seja, o Taylor, no filme *Planeta dos Macacos*. Eles estão finalmente no comando penso. E volto para a cama.

O cenário induz ao sonho. As águas escuras e tranqüilas refletem a mata impenetrável. Nas pontes bem acima do rio, as araras nos cercam, os quatis pedem comida, macacos de diversos tipos e tamanhos sobem em nosso colo. Alguém me esclarece que os macacos maiores costumam pedir comida nos barcos, pela manhã. Sinto-me aliviado: continuamos com as mãos no timão da arca - embora sem saber direito em que direção navegamos. Passamos a manhã em canoas, pescando piranhas (para, depois, soltá-las). Caminhamos por uma extensa trilha aberta na flores-

ta, sob o comando de um guia amazonense, depois retornamos ao hotel para almoçar: o ministro Houaiss, um gourmet, elogia o “peixe no tacacá” e lembra que já comeu araras vivas, certa vez, na Tailândia. Ele anda com a ajuda de uma bengala, nem foi ao passeio pela selva, mas ainda pensa e fala com vigor - e é um excelente contador de histórias.

Se em Manaus o destino é a chuva, aqui é a correnteza profunda que tudo carrega - incluindo os destroços de outros tempos, na direção do mar. Pelos rios de águas brancas, pelos rios de águas verdes e pelos rios de águas negras não descem apenas resíduos minerais, plantas e galhos de florestas submersos da Amazônia, descem também os vestígios de uma época de fausto e euforia, depois de desalento e naufrágio.

Alguém captura uma jibóia, na tarde chuvosa. Mas, à noite, o céu já derrama sobre nós o fogo distante de milhões de estrelas. Embarcamos novamente nas canoas, agora para ver alguns jacarés, nas lagoas e igarapés mais próximos de Ariaú Tower. Iluminados pela lanterna do timoneiro, olhos brilhando na escuridão, os animais ficam totalmente paralisados - e os menores podem até ser capturados e trazidos para dentro da canoa.

O convívio pacífico e harmonioso com outras espécies, chamado, neste caso aqui, de “turismo ecológico”, é sempre educativo - e ajuda até na formação do nosso caráter. Mas o fato - devo confessar - é que já estou com saudades da cama macia, dos carpetes 100 milímetros, das toalhas felpudas e do conforto higiênico do Hotel Tropical, de Manaus. Sinto falta, em especial, dos banheiros limpos e sem as imensas aranhas repugnantes da floresta. Sinto falta das piscinas de águas transparentes e cloradas, sem cobras ou jacarés. E do Multicanal. Amanhã, felizmente, deixo para trás o mundo dos répteis, dos batráquios e dos aracnídeos, para regressar à civilização. No hard feelings.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor e representante da ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

O SENHOR DOS HAICAIS

Ely Vieitez Lisboa

Cyro Armando Catta Preta deixou-nos recentemente. A Morte veio buscá-lo. Ela não perdoa nem aos poetas. Contudo, deve haver um lugar especial para eles, almas iluminadas. Com certeza, em Orlândia, cidade que ele amava, houve homenagens ao grande ser humano que foi, ao homem público dinâmico e eficiente, ao chefe de família íntegro, ao professor famoso. Eu conheci melhor o Poeta, o Senhor dos Haicais. Soube há pouco que Cyro participou de uma grande Antologia, com autores de primeira grandeza no gênero poético dos haicais. Não cheguei a ler a obra. Em outubro de 2005 escrevi um comentário sobre o livro mais recente do nosso querido poeta. Relembro-o agora.

O Haicai, como define Afrânio Peixoto, é um pequeno poema de três versos de cinco, sete e cinco pés métricos, respectivamente, que refletem uma impressão, um conceito, um drama, um poema, às vezes, delicioso, não raro, profundo.

Hoje, os poemas tendem (também os contos) a ser mais curtos, concisos. Surgiram os minipoemas, os minicontos. Se, aparentemente, essa concisão parece ter alguma analogia com facilidade, superficialismo, é um grande erro. Ao contrário, é uma arte que capta a essência, elimina supérfluos e rebarbas. No livro de contos, "Ah, é?", de Dalton Trevisan, há tragédias densas e terríveis, em quatro, cinco linhas. A profundidade fica por conta do leitor que, como um espeleólogo, tem que descobrir regiões abissais nas grutas dos mistérios humanos.

O Haicai é a arte da concisão. O poeta deve dizer muito em poucos versos. Cyro Armando Catta Preta é o Mestre dos Haicais. Já publicou *Moenda dos Olhos*, *Palhas do Tempo*, *Frestas e Sazões Fugazes - Rosa Rosário*. Agora nos presenteia com *Sabedoria de Bolso*.

O livrinho de capa roxa, com um casario negro ao fundo, parece meio triste. No alto, uma lua

pequenina, quase não-lua, tenta alegrar; lembra esperança. Olhei de soslaio para esse quinto filho. Quando se gosta muito do autor, teme-se que ele não possa se superar. Na página 6, diz: "Sabedoria de Bolso deseja ser, segundo o autor, um livro de flechas, de pensamentos, sem a pretensão de dar conselhos, ditar normas de conduta. Os poematos pretendem ser divagações literárias, reflexões, pequeninos frutos colhidos na maturidade. Um livro de haicais que procura mesclar laivos de filosofia com poesia".

Comecei a ler o grande poeta CACP. Alguns Haicais são verdadeiras pérolas: *Libertação*: "A vizinha voou.../ Avezinha bem velhinha, / desengaiolou". O lirismo, a doçura dos diminutivos, o enfoque carinhoso sobre a morte. Entusiasmada, comecei a garimpar diamantes. E eles foram aparecendo. Lirismo, em *Salutar*: "Sempre é bom sorrir / acalma, traz paz à alma, / é flor a se abrir...". Ou (pág. 13) *Visonário*: "Um sonho acalenta: / pela fresta buscar a estrela / que fulge e alimenta...". Na página 14, o haicai *Despertar* é, aparentemente, o antônimo do famoso romance francês, *Bonjour, Tristesse*, de Françoise Sagan: "Bom dia, alegria! Na mesa, o pão da tristeza, / é comida fria...". Na realidade, o poeta também traz amargura nas suas metáforas.

Há uma estrofe famosa, de Drummond, que diz: "Como vencer o oceano / Se é livre a navegação, / Mas proibido fazer barcos?". O tema da incongruência da vida, do existir, sempre apaixonou os poetas. Cyro nos presenteia com *Amargo*: "Sem mais perspectiva, / ao léu, entre o mar e o céu, / navega à deriva...". Ou a persistência de um Sísifo cansado, em *Rescaldo* (pág. 17) "Colheita já finda, / as mãos recolhem os grãos / que restam ainda...".

O poeta defende a correção da linguagem, em *Tropeços* (pág.22): "Erros de linguagem? / Tropeçar é machucar / a língua e a imagem...". Realça a interdependência do autor / leitor, tão valorizada pela Semiótica: *Profissão* (pág.24) "Sina de escritor: / lavra, burila a palavra! / Nada é, sem leitor...".

O Senhor dos Haicais vai caminhando, oferecendo-nos gotas de beleza. Aqui, uma alusão bíblica: *Milagre* (pág. 28): "Afeto. Carinho. / Pôr na vida Fé e Amor, / transforma água em vinho"... Nas páginas 29, 31 e 82, três poematos sobre os Pecados Capitais, o Orgulho e a Inveja. Logo á frente, uma rica metáfo-



Cyro Armando Catta Preta

ra, em *Remorso* (pág. 30) e *Entardecer*, pág. 41. O tema da efemeridade é outra obsessão dos poetas. Cyro nos oferece belos haicais sobre o tema universal, nas páginas 32, 34, 41 e 108.

A forte religiosidade surge nas alusões bíblicas, que se repetem, como em *Mistério* (pág. 48). Passeia pela sabedoria (pág. 35), e lembra mestre Guimarães Rosa. Pitadas sábias de filosofia, metafísica e a inexorabilidade da morte, nas páginas 53, 68 e 87.

Ao ler e reler *Sabedoria de Bolso* sinto alegria. O tempo, implacável, nada pode contra o poeta. Liricamente, ele oferece lição da *Maturidade* (p. 97): "A fruta madura / é aberta mão em oferta, / com sábia doçura"... Lúcido, diante da estrada percorrida, confessa em *Epílogo* (p. 112) "Rolando o rio vai... / Ali foi bravo! Manso aqui... / Vai, não volta mais". A luta brava sim, os tropeços e percalços, ida sem volta. Mas a doçura, o lirismo, os seus poemas ficarão para a posteridade, como marcas, pegadas poéticas do homem sensível, de alma excelsa, ser de luz e sensibilidade.

Ely Vieitez Lisboa é escritora, crítica literária, membro da Academia Riberiãopretana de Letras e Mestre em Letras e Semiótica pela Unesp de Araraquara.
elyvieitez@uol.com.br



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 54,00

Assinatura Semestral: R\$ 27,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

**Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
 São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
 E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br**



CIDADANIA

REFLEXÕES SOBRE AS ONGs E AS LEIS

Joaquim Maria Botelho

O Brasil tem hoje cerca de 270.000 ONGs. Todas, de certo modo, criadas para fazer o que o governo não teve flexibilidade, competência ou vontade política para fazer. As ONGs nasceram porque os governos, quase sempre totalitários, não conseguiam resolver as questões fundamentais do país. Essas associações sem fins lucrativos envolvem um contingente de perto de 1.500.000 trabalhadores, segundo o IBGE, e trabalham pela comunidade, cada um fazendo a sua parte. Gente que acredita na parábola do beija-flor diante do incêndio, carregando uma gota de cada vez, no bico – algo infinitamente minúsculo diante da grandeza do fogo, mas o pássaro não desiste, e faz a sua parte; alguma diferença ele consegue causar.

Mas o problema é que, crescendo em número e em abrangência, as ONGs começaram a crescer também em voracidade pelo dinheiro público, porque muitos desonestos encontraram, para implantar suas próprias ONGs, um território sem lei. E, como dizia Aristóteles, “onde as leis não têm força, pululam os demagogos, e o povo torna-se tirano”.

A alternativa para depurar as ONGs bem intencionadas daquelas dominadas por espertalhões interessados em esgueirar-se pelas brechas da lei foi como a saída de tirar o sofá da sala, depois de flagrar o adultério: criou-se uma nova modalidade de entidade sem fins lucrativos, as OSCIPs. Com essas, há menores possibilidades de burla. Isto amenizou a falcatura, mas não resolveu o problema – as ONGs continuam praticamente sem fiscalização. Há uma CPI em andamen-

to, que já descobriu barbaridades, mas até agora ninguém foi condenado, ao que se saiba.

Talvez o problema seja das leis. Afinal, as leis são feitas por homens. Por homens e pelas suas circunstâncias, como diria Ortega y Gasset. Portanto, refletem o momento e refletem as pressões do momento.

O Brasil é uma federação que nasceu por decreto, em 1889, com a proclamação da República. Mas a transformação de estado monárquico unitário, que centralizava as províncias, para estado republicano, em que as províncias se transformaram em estados-membros, foi apenas uma maneira formal de repartir o poder político. É o que os juristas costumam chamar de federação imperfeita. Por isto mesmo é que os legisladores tentam, há décadas, constituir o chamado pacto federativo, que distribuiria, de melhor maneira, a competência entre o governo da união, os governos estaduais e os governos municipais.

O papel das ONGs, no Brasil, demanda participação popular. Por outro lado, demanda fiscalização. Mas, antes de tudo, pressupõe amparo constitucional. E, na sua imperfeição atávica, o Brasil teve dificuldades históricas para definir, primordialmente, as suas constituições. Foi um caminho árduo até que se chegasse à carta constitucional atual, considerada democrática. Vamos ver, resumidamente, como foi este caminho.

Em 1824, a primeira constituição do Brasil foi outorgada, sem participação popular. Pedro I convocou uma Assembléia mas a dissolveu, vendo que os constituintes tentavam restringir seus poderes de imperador. Dez pessoas da confi-

ança dele escreveram a carta de 1824, implantando a figura do poder moderador, acima dos poderes executivo, legislativo e judiciário, e só serviu para fortalecer o poder pessoal do imperador.

Em 1891, a primeira constituição republicana suprimiu direitos individuais por causa de pressões dos grandes latifundiários. Estabeleceu o presidencialismo, eliminou o poder moderador e determinou a separação oficial entre o Estado e a Igreja Católica.

Em 1934, num golpe armado, Getúlio Vargas foi empossado num governo transitório. Mas foi preciso que os barões do café do Estado de São Paulo se rebelassem contra o governo federal, em 1932, para que a promessa de convocar uma Assembléia Constituinte fosse cumprida.

A constituição de 1937 foi uma carta autoritária, disfarçada de democrática, com o objetivo principal de manter o poder de Getúlio Vargas. Foi apelidada de “Constituição Polaca”, por ter sido inspirada na carta da Polônia, um dos modelos fascistas europeus da época. Não teve participação popular.

Em 1946, Eurico Gaspar Dutra venceu as eleições, curiosamente com apoio do próprio Getúlio Vargas, cuja ditadura ele havia ajudado a depor, e convocou uma Assembléia Constituinte. Uma única reforma, em 1961, fez com que fosse adotado o regime do parlamentarismo. O plebiscito de 1963 restaurou o regime presidencialista.

Em 1967, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco fechou o Congresso e impôs uma nova Constituição. Foi uma das mais autoritárias da história.

Em 1988 foi promulgada a que ficou conhecida como Constituição

Cidadã. Foi elaborada por uma Assembléia Constituinte, legalmente convocada e eleita. Foi a primeira a permitir a incorporação de emendas populares, mas grande parte dos dispositivos ainda depende de regulamentação.

Aí está. Temos leis. Leis que tratam de questões fundamentais, mas que os governos, porém, não conseguem resolver.

O conceito da Constituição de 1988 é perfeito, límpido e republicano. Mas para realizá-lo são necessárias iniciativas que os governos (federal, estaduais e municipais), as associações de classe, as entidades e os próprios cidadãos podem – e devem – tomar para transformar a intenção em realidade. Exemplo disso é o tal dispositivo que limita os juros a 12% ao ano, que jamais foi regulamentado.

Ao governo, não basta delegar. É preciso cobrar, controlar e fiscalizar. Sob pena de que cada uma utilize excelentes instrumentos de participação social, como as ONGs, como ferramentas de benefício pessoal.

E os autores de literatura, neste emaranhado, é de se perguntar. Debatendo-se com as propostas de uma nova lei de direitos autorais, para a qual a União Brasileira de Escritores tem propostas. Por enquanto, não consta que existam ONGs voltadas para a produção de livros. Por que será?

Joaquim Maria Botelho é jornalista e escritor, autor, dentre outros, do livro *Imprensa, Poder e Crítica e de Redação sem mistérios*. É presidente da União Brasileira de Escritores. Exerce atualmente a função de diretor da empresa Palas Comunicação Social Ltda.

Débora Novaes de Castro

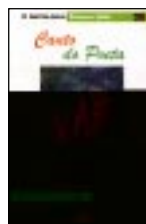


Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Poemas: II Antologia-2008
CANTO DO POETA - novo
Trovas: II Antologia-2008
ESPIRAL DE TROVAS - novo
Haicais: II Antologia-2008
HAICAIS AO SOL - novo

Opções de compra: Loja virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br
via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br
Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040 .

Livro resgata a memória de Jorge Medauar

Jorge Medauar em Verso e Prosa - Passeio literário pela vida e obra do escritor de Água Preta, livro publicado pela Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (Itabuna - BA), com patrocínio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, será lançado no dia 17 de abril, a partir das 16 horas, no Esporte Clube Sírio, Av. Indianópolis, 1192, em São Paulo.

O lançamento contará com o apoio da União Brasileira de Escritores, do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo, jornal *Linguagem Viva* e site *Cronópios*. O evento abrigará diversas atrações, além do lançamento, como apresentação de vídeos, performances musicais e teatrais, dança e depoimentos sobre o escritor.

A obra, que tem projeto gráfico desenvolvido por Pathylia Design e Editora, abriga poema e textos de Jorge Medauar, cartas, bilhetes e dedicatórias curiosas, inusitadas e emocionantes de amigos como Jorge Amado, Antonio Houassis, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Antonio Olinto, Raquel de Queirós, entre outros.

Jorge Medauar, escritor, poeta, contista, ensaísta, colaborador do jornal *Linguagem Viva*, jornalista e publicitário, nasceu a 15 de abril de 1918, em Água Preta do Mocambo, sede do então distrito de Ilhéus, que é hoje cidade e município de Uruçuca, e faleceu no dia 3 de junho de 2003, em São Paulo.



Jorge Medauar

Estreou na Literatura com o livro de poemas *Chuva sobre a Tua Semente*, em 1945, pela Editora José Olympio. Lançou mais de 22 livros de contos, ensaio e poesias, como *Morada de Paz*, *Viventes de Água Preta*, *A Procissão de os Porcos*, *O Incêndio (Prêmio Jabuti)*, *Histórias de Menino*, entre outros.

Foi um dos fundadores e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Pertenceu à Geração de 45 e foi membro da Academia de Letras do Brasil, com sede em Brasília, da Academia de Letras de Ilhéus e da União Brasileira de Escritores.

Para Jorge Medauar Júnior, organizador do livro, é "Mais que um lançamento, o livro é uma homenagem a um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, resgate da memória cultural do País".

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

PIOLIM

Paulo Bomfim

Fui amigo de Piolim, desde o tempo em que o circo estendia a lona numa rua próxima à Praça Marechal Deodoro, onde o cantor Nelson Gonçalves ainda podia ser encontrado no snooker de seu irmão Quincas.

Piolim, o mais palhaço dos palhaços brasileiros, participou a seu modo, da Semana de Arte Moderna.

Quantas vezes sua irreverência e sua graça percorrem as lembranças de Mário, de Oswald e de Tarsila.

Aqueles olhos azuis falavam por si atrás da pintura bizarra do rosto.

O paletó xadrez muito largo, as calças sempre despencando, os sapatos imensos, e o indefectível bengalão, compunham a figura amada pelas crianças que ainda somos. Quando encabulava, fazia a cabeça sumir dentro do vasto colarinho.

Presidindo o Conselho Estadual de Cultura, pude prestar a ele

a última homenagem dos paulistas.

Mandei montar seu circo no vão do Museu de Arte de São Paulo, onde, pela derradeira vez pisou no picadeiro que se debruçava do espigão da Avenida Paulista.

No pavilhão repleto, trapezistas, Amazonas, domadoras e saltimbancos homenageavam juntamente com o público, o palhaço que se despedia. Pouco depois, as luzes se apagariam para sempre.

Tito Neto em seu livro sobre o circo diz que Piolim gostaria que eu escrevesse o seu epitáfio.

Mas palhaço como ele não morre nunca, transforma-se em constelação e brilha no circo das noites estreladas.

Hoje, aos oitenta e dois anos, quando encabulo, lembro-me de Piolim e ainda sinto vontade de esconder a cabeça dentro de um grande colarinho.

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

1- Assinale a correta:

- Se eu ver você por aí, ficarei feliz.
- Ele intermedia a negociação.
- Venha pôr a roupa.
- Se você querer, eu irei com você.
- Eu irei consigo.

Resposta: C – O verbo pôr continua com acento.

a) Se eu vir você – O verbo ver no futuro do subjuntivo é vir, pois deriva do pretérito perfeito (vir).

b) Ele intermedeia – conjuga-se como odiar.

c) Se você quiser.

d) Eu irei contigo – Consigo só tem valor reflexivo (pensou consigo mesmo).



2- Comprou uma TV a cores ou em cores?

Comprou uma TV em cores (não se diz TV "a" preto e branco. Da mesma forma: Transmissão em

cores.

3- Isto é para mim fazer?

Mim não faz, porque não pode ser sujeito.

Assim: Para eu fazer.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Arte e atitude

José Carlos da Silva

À medida que a criança vai descobrindo as filigranas do mundo, edifica-se nela uma consciência de que é possível ser protagonista de muitas das ações relevantes que constituem o ato de viver. Bem no início, a condição secundária de mera observadora das prendas da natureza já é algo extraordinário; mas a partir de um certo momento essa condição não mais satisfaz as engrenagens internas que determinam a dimensão daquele ser. A criança se sente portadora das habilidades e do poder de um pequenino deus e, como tal, deseja atuar com destaque no concerto das existências. Assim, se põe a dialogar com o mundo de diversas formas: construindo seus brinquedos originais, ainda que não desdenhe os da loja; esboçando em desenhos rústicos suas múltiplas realidades ou simplesmente confrontando, com os olhos e a alma, as majestades do céu do dia com o céu da noite. Nesses e em outros casos, afirma-se como agente revelador do novo.

Mas a criança vai crescendo e se enquadrando nas normas prescritas pela família, pela escola, pela igreja, pelo grupo de convivência ao qual está agregada e por tudo o mais. Passado um feixe de anos, é difícil reconhecer no adulto a criança que este foi. A trajetória humana, ressalvadas as exceções, transforma o pequenino gênio, visceral e insaciável, num modelo de obediência e resignação. Felizmente, persiste dentro de nós a força motora da criação, que por mais sufocada que tenha sido desde cedo, arranja um jeito, quando provocada, de brotar como dantes, muitas vezes tímida, porém, alvissareira, tal como

aconteceu com a pequenina flor de Drummond, desabrochada numa falha do asfalto rude e tão bem descrita no poema *A flor e a Náusea*.

Se tivesse que escolher uma palavra que bem representasse a solução redentora que o homem encontrou para a sua odisséia, eu escolheria a palavra Arte. São poucos, no entanto, os que parecem ter essa necessidade, a de resgatar o gênio promissor que fora um dia. A modelagem social que submete e oprime o indivíduo, bem como a rendição ao mercado global que dita comportamentos, são dois dos fatores que reduzem o gênio potencial a consumidor passivo de pacotes e mais pacotes de entretenimento estéril, idealizados para ocupar cada minuto disponível de uma vida que poderia ser, ou ter sido, gloriosa. Não tendo tempo nem ânimo para pensar nas coisas magníficas que se perderam pelo caminho, o indivíduo acha, ou finge achar, que está tudo bem no reino do aquém.

Se tivesse que escolher uma palavra que bem representasse a solução honrosa de que o homem dispõe para resgatar o que entendesse ser o mais edificante de sua odisséia, eu escolheria a palavra Atitude. Tomá-la implica romper as amarras psicológicas que nem sempre existiram. Nascemos livres e possuídos do poder de criar e transformar, ainda que as circunstâncias contraponham eventualmente a isso, pobreza material e limitações funcionais. A outra alternativa é não ter atitude alguma e deixar tudo como está. Para esses haverá sempre um campeonato em andamento ou algo equivalente.

José Carlos da Silva é escritor e membro da União Brasileira de Escritores.

VENTRE DE MINAS

J. B. Donadon-Leal

Há algum tempo foi concebida a ideia da produção deste livro, com suas quatro vozes poéticas, que passaram à fase da gestação neste *Ventre de Minas*. Os diversos modos de os aldravistas forjarem aldravas são postos à disposição do público que, mais uma vez, irá receber um produto resultante de um projeto de incentivo à leitura. Porém, esta edição se tornou possível depois que a coordenadora e idealizadora de projetos da Associação Aldrava Letras e Artes, Andreia Donadon Leal, venceu o *Prêmio Vivaleitura 2009*, com o projeto *Poesia Viva – a poesia bate a sua porta*, e com o prêmio financia esta publicação.

O movimento aldravista nasceu da disposição de poetas em promover a produção literária em Minas Gerais, especialmente em Mariana, e apresentar um canal eficaz e dinâmico de divulgação dessa produção. Não era bastante imprimir literatura, era preciso utilizar essa impressão literária para cultivar a paixão pela leitura, para que dessa paixão pudessem nascer novas expressões literárias. Assim, no nascedouro de Minas, entranhado de vontade, esses poetas olham para a interioridade mineira do interior de Minas, do seu ventre, no calor de sua aquecida disposição materna.

Do ano de 2000 até este final de 2009, o movimento aldravista de arte metonímica percorreu diversas sendas de expressão da liberdade – marca impingida na pele de Minas desde a conjura ou inconfidência sustentada pelos poetas árcades – como forma didática de atenuar os mecanismos de controle da produção intelectual implementado pelos poderes editoriais e universitários.

Mas, como ser independente sem ser exótico?

Respostas para questões complexas não são simples, especialmente quando se trata de questão de comportamento social. No contexto dessa complexidade, surge o aldravismo como projeto, para não ser alternativo, mas para ser definitivo; não para ser marginal, mas para ser miolo. Além da publicação de um jornal cultural, os poetas partiram para a produção e edição de livros e para a curadoria e produção de exposições

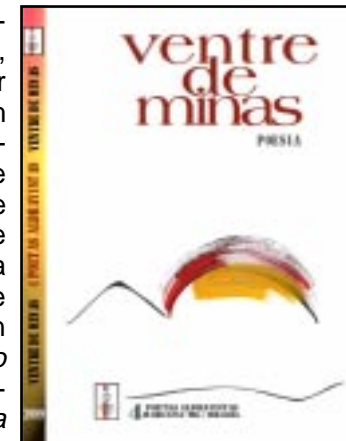
de artes visuais. Em busca de nomes de visibilidade? Não. Em busca de talentos dispostos à manifestação livre e igualmente dispostos a respeitar as manifestações igualmente livres de interpretações dos leitores e espectadores. Assim como cada poeta aldravista busca construir seu estilo, suas características formais, cada leitor irá construir suas bases interpretativas.

Para que a proposta não caísse no vazio, sugeriu-se o rompimento com a megalomania da metáfora, ou da completude textual, a partir da compreensão de que a

descontinuidade e incompletude são características da linguagem. Se a linguagem se faz em fluxo descontínuo e incompleto, implícitos, subentendidos, insinuações são constitutivos da produção discursiva e, portanto, indicadores de que o processo figurativo se dá nessa tônica de coisas a serem continuadas em alguma direção não linear. Essas características fundamentam o processo metonímico, em que o produtor do texto, neste caso o poeta ou artista visual, elabora sua obra de forma que possibilite ao leitor e espectador se sentir convidado a dar prosseguimento à obra.

Assim nasce *Ventre de Minas*: uma proposta de poesia para ser debatida, degustada, desvendada, ao sabor da história de vida de cada leitor. São quatro livros em um. Cada livro um continente metonímico de uma possível particularidade de Minas. As aldravas de Gabriel Bicalho, as batidas nas aldravas de J. B. Donadon-Leal, os frutos da terra de Andreia Donadon Leal e a cidade Mãe de J. S. Ferreira são provocações para leitores disponíveis a descobertas. É por isso que esse livro será distribuído a educadores e a educandos, a pessoas que mesmo não frequentando a escola formal ainda se sentem descobridores de universos, descobridores de mundos, mineradores de Minas Gerais.

J. B. Donadon-Leal é ensaísta, poeta, cronista, editor, Doutor em Semiótica pela USP e Pós-Doutor em Análise do Discurso pela UFMG.



LINGUAGEM VIVA

Comunicamos que a **Caixa Postal 10.036** foi cancelada. As correspondências deverão ser enviadas para **Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000.**

Lançamentos & Livros

A Magia da Vida ao Alcance de Todos, de Luiz Clério Manente, RG Editores, 150 páginas, São Paulo, SP. O autor é jornalista, escritor e advogado. Segundo Guido Fidelis, no prefácio, “Em sua nova obra aborda com a lucidez que lhe é peculiar questões cruciais que inquietam o espírito humano. São reflexões valiosas para melhor compreensão da própria vida, suas angústias, paixões, desejos.”

RG Editores: Rua Santo Antonio, 555 - 1º andar - São Paulo - SP - 01314-000. Tel.: (11) 3105-1743. www.rgeditores.com.br - rgeditores@yahoo.com.br



OBRA PERSONALÍSSIMA E INSTIGANTE

Caio Porfírio Carneiro

Costumo afirmar que a arte escrita moderna, liberta de formalismos estanques, na prosa de ficção, e muito em particular na poesia, livre de escolas, mostra-se, quantas vezes, perigosamente multifacetada e poliédrica. Perigosamente, porque pulverizou grandemente o *como dizer* do narrativo. A frase expandiu-se para metáforas múltiplas, na prosa, e a palavra adquiriu pulsações outras na poesia. Eis porque se criou o truísmo: perde-se o conto por uma frase e a poesia por uma palavra. O visual e o plástico entrelaçam-se à escrita e vice-versa. Surge então o perigo, desnorteante e presente. Como o escritor só dispõe das palavras, elas conduzem uma criação à beleza pulsante,

(Fortaleza, CE, 2009). Um livro nos pega quando nos instiga. Como diria Shakespeare: *This is the question...*

Dimas Macedo sintetiza-o em duas palavras: “Uno e plural.” É isto. E nesse plural, curiosamente, há um constante “despiste” intuitivo, nascido do talento do autor, que nos leva à enganosa impressão de que ele tudo isto escreveu sem o menor interesse de fazê-lo, quando isto é claramente do seu *como dizer* literário, As histórias começam como se fossem banais, eis que o descritivo é muito simples, aquela simplicidade que nada tem de facilidade, porque no seu descritivo somam-se também as “palavras mudas”, que enriquecem a criação. É do inconsciente criador. É do *estilo* do autor. Muda de curso e enfoque de maneira



surpreendente, como pulsações, sem desníveis, e quase sempre jogando, com notável facilidade e oportunidade, grande parte das histórias para o campo das falas, diretas e oportunas, sem o mínimo de fuga para a tagarelice. E, o que é importante: sem se aproximar do teatro.

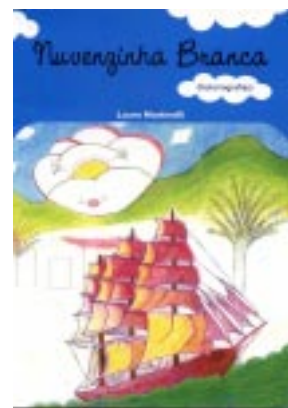
Obra moderna, pelos temas, enfoques, plena de surpresas e humor. Foge dos padrões estabelecidos, mas não parte para pretensa e quantas vezes enganosa inovação. Ele já é, em si, um inovador. De fluidez notável e marcadamente impressionista. As personagens vêm ao vivo com rapidez e os contos “documentam” fielmente para a posteridade, numa leveza de trato curiosa.

“Fotografa” bem. E mais: embora não seja elíptico, dada a roldana quase mágica da qual surgem os seus textos, parece sê-lo, porque se lê todo o livro de uma corrida. Dizer que é original é elogio gasto. Melhor dizer que é personalíssimo e instigante.

Citar os melhores contos do livro seria simples eleição pessoal.

Dimas Macedo, em poucas linhas, crítico notável que é, diz tudo de *Indícios*. Assino em baixo, se ele permitir.

Caio Porfírio Carneiro é escritor e Secretário Administrativo da União Brasileira de Escritores.



Nuvenzinha Branca - historiografias, de Lauro Martinelli, Scortecci Editora e Fábrica de Livros, 56 páginas, São Paulo, SP. A arte da capa é de Gisele Pereira e a diagramação é de Mara Ferreira. O autor é músico, escritor, compositor, poeta e autor de *Mandorová*, *Sonhos & Sonhador* e *Eu e o Preto*. A obra reúne poemas, crônicas autobiográficas, crônicas mórdicas, biologia, química mineral, química orgânica etc.

Scortecci Editora: Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - 05422-970. Telefax: (11) 3032-1179. www.scortecci.com.br - editora@scortecci.com.br

Kafka e a marca do corvo, romance biográfico de Jeanette Rozsas, Geração Editorial, 184 páginas, São Paulo, SP. A autora é contista, romancista e advogada. Exerceu o cargo de diretora da UBE. A biografia romanceada de Kafka foi pesquisada pela autora durante anos para se alcançar a fidelidade histórica, numa parceria equilibradíssima, aliada ao cuidado da pesquisadora, sempre esteve presente o talento da prosadora.

Geração Editorial: Rua Major Quedinho, 111 - 7º andar - Conjunto 702 - 01050-904 - São Paulo - SP. www.geracaoeditorial.com.br



Razões em minhas Rimas, sonetos de Edson Freire, 112 páginas, Scortecci Editora, São Paulo, SP. O autor é poeta e contista. A obra reúne sonetos em variadas formas, sendo os clássicos na sua maioria. Arita Damasceno Pettená, no prefácio da obra, afirma que “Preso rigidamente às formas, mas livre totalmente em seus conteúdos, passeia-se por todos eles, vislumbrando várias facetas do poeta.”

Scortecci Editora: www.scortecci.com.br
Edson Freire: itaicifreire@uol.com.br



Profa. Sonia Adal da Costa

Digitação

Revisão

Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Notícias



Antonio Candido e Joaquim Maria Botelho

A Nova Diretoria e Conselho Consultivo Fiscal da União Brasileira de Escritores, para o biênio 2010/2012, foi eleita em Assembléia Geral Eleitoral, no dia 15 de março, na sede da entidade. A Assembléia foi presidida por Paulo Veiga e secretariada por Caio Porfírio Carneiro e Rosani Abou Adal. A Diretoria Executiva é composta por Joaquim Maria Botelho (presidente), Renata Pallottini (1ª vice-presidente), Audálio Dantas (2º vice-presidente), Sueli Carlos (secretária-geral), Maria José Viana (1ª secretária), Luiz Avelima (2º secretário), Nicodemos Sena (tesoureiro-geral), Gabriel Kwak (1º tesoureiro) e Djalma Allegro (2º tesoureiro). Diretores Departamentais: Roberto Scarano, Raquel Naveira, Célio Turino, Claudio Willer, Dirce Lorimier Fernandes, Giselda Di Guglielmo, Deonísio da Silva, Marisa Baur, Menalton Braff e Francisco Moura Campos. Conselho Consultivo e Fiscal: Rodolfo Konder, Anna Maria Martins, Marisa Lajolo, Levi Bucalem Ferrari, Fábio Lucas, Antonio Possidonio Sampaio, Paulo Oliver, Plínio Cabral, Antonio Carlos Ribeiro Fester e José Carlos Garbuglio.

Almino Affonso e Vargas Netto no Câmera Aberta Sindical, livro que abriga entrevistas de Almino Affonso e João Guilherme Vargas Netto, que foram concedidas ao programa *Câmera Aberta Sindical*, foi lançado pela Agência Sindical, com apoio da TV Aberta São Paulo, Canal 9 da NET, 72 e 99 da TVA ou 186 da TVA digital. Informações: Tel.: (11) 3231.3453. www.agenciasindical.com.br

Rubem Alves lançará *Sobre reis, ratos, urubus e pássaros*, pela Edições Loyola, no dia 31 de março, a partir das 19 horas, na Livraria Cultura do Shopping Iguatemi, Av. Iguatemi, 777 - Lojas 04 e 05 - Piso 1, em Campinas - SP.

Danilo Miranda, Diretor do Departamento Regional do SESC, e Pedro Herz, proprietário da Livraria Cultura, foram agraciados com *A Ordem do Ipiranga*, pelo Governo do Estado de São Paulo.

A Revista Lusofonia foi atualizada. A edição de fevereiro e março de 2010 está disponível no blog www.revistalusofonia.wordpress.com.

Escritores de Piracicaba participam do *Concerto Literário* no dia 23 de maio, no Parque da Rua do Porto, em Piracicaba. O evento conta com a participação de Alexandre Bragion, Carmelina Toledo Piza e Lucila Maria Calheiros Silvestre - autores do programa de rádio *Educativa das Letras* -, com uma roda literária e troca de livros, organizada pela Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba. agendaculturalpiracicabana.blogspot.com/

Jorge Tufic recebeu o título de Cidadão do Amazonas da Assembléia Legislativa do Amazonas, no dia 9 de março.

Claudio Willer ministrará o curso **GERAÇÃO BEAT**, às quintas-feiras, de 8 de abril até 27 de maio, das 19 às 22 horas, na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, Rua Henrique Schaumann, 777, em São Paulo. Informações: Tel.: (11) 3082-5023.

Alice Spíndola lançou o ensaio *MIGUEL BARBOSA – alquimista da palavra*, do Primeiro Caderno do *Jornal Literário*, edição luso-brasileira, pela Editora Kelps (Brasil) e pela Nova Vega Editora (Lisboa). *MIGUEL BARBOSA – SIMBOLOGIA NA UNIDADE*, antologia de crítica literária, foi organizada pela crítica luso/italiana de Cinema, Ates e Literatura e professora em várias universidades europeias Sebatiana Fadda.

Cely Vilhena de Moura Falabella foi agraciada com a *Medalha Mulher de Minas 2010*, do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais de Minas Gerais, pela relevante atuação e destaque no campo cultural e literário de Minas Gerais. A medalha foi entregue pela Governadora do InBrasCI-MG, Andreia Donadon Leal, em solenidade no mês passado, em Belo Horizonte, MG.

As Ações do Projeto Poesia Viva: a poesia bate à sua porta, sob a coordenação de Andreia Donadon Leal, com a participação dos poetas do jornal *Aldrava Cultura*, poderão ser acompanhadas através do blog *Ponto Itinerante de Leitura* - <http://pontoleituramariana.blogspot.com/>

Antonio Miranda e Caco Pontes foram os convidados do Sarau Casa das Rosas, organizado pela poeta Maria Alice Vasconcelos, que aconteceu no dia 20 de março, na Casa das Rosas, em São Paulo.

Para onde caminha a América Latina? - História e conjuntura -, curso coordenado por Paulo Cannabrava Filho, acontece de 27 de março a 29 de maio, aos sábados, das 9 às 13 horas, no Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, em São Paulo. www.memorial.sp.gov.br - Tel.: (11) 3823-4780.

Rosely Boschini, presidente da Câmara Brasileira do Livro, Vitor Tavares, presidente da Associação Nacional de Livrarias, e Luis Torelli, presidente da Associação Brasileira de Difusão do Livro, são os representantes do mercado editorial no Colegiado do Livro, Leitura e Literatura, que integra o Conselho Nacional de Cultura. Sônia Jardim (Snel), Jasmine Soares e Victor José Lobo foram indicados como suplentes.

Prêmio Ibero-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Fundação SM, está com inscrições abertas até o dia 30 de junho. O prêmio será no valor de 30 mil dólares americanos. Os candidatos devem ser apresentados por uma instituição cultural ou educativa, associação ou grupo de pessoas relacionados à literatura infantil e juvenil. www.edicoessm.com.br

O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP -, adaptado às normas contidas no Acordo Ortográfico, está disponível no site da Academia Brasileira de Letras - www.academia.org.br

Preparação e revisão de textos, curso ministrado por Ana Cristina Mendes Perfetti, acontece no dia 10 de abril, na Escola do Escritor, Rua Mourato Coelho, 393 - conjunto 1, em São Paulo. Tel.: (11) 3034-2981 escoladoescritor@escoladoescritor.com.br

Juca Ferreira, Ministro da Cultura, anunciou o investimento de R\$ 3 milhões para a criação do primeiro edital brasileiro, que dará apoio à literatura de cordel no País.

O Clube de Mães Amor Eterno, que incentiva a leitura em presídios, necessita de doações de livros para intensificar o projeto. Rua Luiz Azorías, 1.183, bairro Zerão, Macapá - AP - 68903-350. Tel.: (96) 3241-4768 delmaskibinski@hotmail.com

Henriette Effenberger, com a obra *Vida de Sabiá – O que sabiam os sabiás além de assobiar*, foi a vencedora do Concurso Nacional de Literatura *Prêmio João-de-Barro – 2009*, promovido pela Fundação Municipal de Cultura.

O 1º Congresso Internacional do Livro Digital, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, em parceria com a Frankfurter Buchmesse, e co-realizado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, acontece de 29 a 31 de março, no Maksoud Plaza, em São Paulo. Tel.: (11) 3069-1300.

A Livraria Cortez e Editora Cortez, fundadas por José Xavier Cortez, realizaram evento comemorativo aos 30 anos de fundação no dia 1 de março, no Teatro da Universidade Católica, em São Paulo.

O 30º Salão do Livro de Paris acontece de 26 a 31 de março, no Espaço Paris Porte de Versailles.

A 52ª Edição do Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, destinado a obras lançadas no ano passado em diversas categorias, está com inscrições abertas até o dia 31 de maio. Informações através do site www.premiojabuti.org.br

O BookExpo América 2010 acontecerá de 25 a 27 de maio, no Javits Center, em Nova York. Informações: www.bookexpoamerica.com

O Dia Nacional da Poesia foi comemorado no dia 14 de março, o Dia Mundial da Poesia (21), e o Dia do Bibliotecário (12).

A Ficha Catalográfica CBL, da Câmara Brasileira do Livro, tem novos valores a partir de 22 de março: o custo para associados será de R\$ 35 e para não associados R\$ 70. Informações no site www.cbl.org.br

O 12º Prêmio Literário Escritor Universitário Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), promovido pelo Centro de Integração Empresa-Escola e Academia Brasileira de Letras, destinado a estudantes regularmente matriculados em instituições de ensino superior, está com inscrições abertas até 30 de abril. www.ciee.org.br

Ruy Martins Altenfelder Silva, presidente do Conselho de Administração do CIEE, tomou posse na Academia Cristã de Letras para ocupar a cadeira nº 6, que pertenceu ao acadêmico Afonso Vicente Ferreira.

Claudio Willer ministrará a palestra *As Mulheres e a Literatura: Autoras da Geração Beat, um Caso Exemplar*, no dia 27 de março, sábado, às 15 horas, na Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima, Rua Henrique Schaumann, 777, em São Paulo. Tel. 3082 5023.

Livro Aberto, promovido pelo Sesc Piracicaba, que acontece no dia 27 de março, sábado, às 16 horas, no Sesc, contará com as participações do sambista Osvaldinho da Cuíca e do crítico e pesquisador André Domingues.

A Produtora Miró organizou um sarau em homenagem a Dalton Trevisan, no Café no Atelier, Rua Desembargador do Vale, 454, em São Paulo. O evento foi a primeira atividade de que a produtora realizou na Capital paulista. mirocult@gmail.com

A Imprensa Oficial inaugurou livraria no Museu da Imagem e do Som, Av. Europa, 158, em São Paulo. www.imprensaoficial.com.br/livraria

O Projeto Navegando e Lendo, que oferece livros a passageiros e tripulantes que viajam pelos barcos na região amazônica foi idealizado por Jorge Klein. Tel.: (92) 8114-4100 jorgeklein@navegandoelendo.com.br